

ARTIGO

A imprensa pernambucana e a ditadura militar no Brasil (1964-1985): análise sobre a atuação católica de esquerda no agreste pernambucano

The pernambucan press and the military dictatorship in Brazil (1964-1985): analysis of the catholic action of left in agreste pernambucano

La prensa pernambucana y la dictadura militar en Brasil (1964-1985): análisis sobre la actuación católica de izquierda en el agreste pernambucano

Adaltu Guedes Neto

Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Brasil

Resumo

O ambiente político vivido pelo Brasil era conturbado devido a deposição do presidente João Goulart pelos militares, fato que desencadeou o período mais repressor da história recente brasileira. A Imprensa pernambucana, como grande parte da imprensa nacional, conservadora, apoia o golpe, dando vivas aos vitoriosos da “revolução”.

Nosso trabalho, portanto, tem como objetivo compreender as características dessa relação entre a Igreja Católica, o golpe e a ditadura, especialmente a partir da atuação do clero progressista, destacando como esse embate era reproduzido nos jornais de Pernambuco, especialmente os de circulação em Recife e Caruaru.

Palavras-chave: Imprensa; Igreja; Ditadura Militar.

Abstract

The political environment experienced by Brazil was troubled by the deposition of President João Goulart by the military, a fact that unleashed the most repressive period in recent Brazilian history. The Pernambucan Press, like much of the national press, conservative, supports the coup, giving cheers to the victors of the "revolution".

Our work, therefore, aims to understand the characteristics of this relationship between the Catholic Church, the coup and the dictatorship, especially from the performance of the progressive clergy, highlighting how this clash was reproduced in the newspapers of Pernambuco, especially those of circulation in Recife and Caruaru.

Keywords: Press; Church; Military dictatorship.

Resumen

El ambiente político vivido por Brasil era conturbado debido a la deposición del presidente João Goulart por los militares, hecho que desencadenó el período más represor de la historia reciente brasileña. La Prensa pernambucana, como gran parte de la prensa nacional, conservadora, apoya el golpe, dando vivas a los victoriosos de la "revolución".

El trabajo, por lo tanto, tiene como objetivo comprender las características de esa relación entre la Iglesia Católica, el golpe y la dictadura, especialmente a partir de la actuación del clero progresista, destacando cómo ese embate era reproducido en los periódicos de Pernambuco, especialmente los de circulación en Recife y Caruaru.

Palabras clave: Prensa; Iglesia; Dictadura militar.

A experiência de movimentos anteriores ao Concílio Vaticano II.

É importante perceber que o caráter progressista do catolicismo brasileiro, fortalecido pelo Concílio II, é fruto, assim como muitas ideias conciliares que ocorreram entre 1962 e 1965, de diferentes atividades anteriores, especialmente, a dos padres operários franceses.

Existiram diferentes movimentos que contribuíram para mudanças no clero católico no que concerne à sua maneira de encarar as questões do seu tempo e que influenciaram movimentos progressistas católicos na década de 1970, como a Ação Católica de juventude, especificamente a Juventude Universitária Católica - JUC, além do Movimento de Educação de Base - MEB e especialmente a Ação Popular - AP, este último resultado da iniciativa de quadros políticos da JUC e do MEB, que pensavam numa organização desvinculada das autoridades eclesiásticas¹. Sobre as influências da AP para movimentos posteriores e sua importância, MAINWARING aponta que:

num momento em que os bispos começaram a fechar outros canais para a participação política de esquerda, a Ação Popular criava uma nova possibilidade que independia da hierarquia. É digno de nota que, dentro de uma instituição que ainda era mais ou menos conservadora e hierárquica, tenha surgido um movimento com posições tão progressistas quanto as da Ação Popular. É igualmente notável a consciência da Ação Popular em relação a um grande número de assuntos que vão desde compromissos com a transformação social radical até uma perspectiva crítica do leninismo e do socialismo burocrático. Sob esses aspectos, a Ação Popular antecipou a ideologia dos intelectuais da igreja popular das décadas de 70 e 80. Não havia uma relação causal direta entre AP e Igreja popular, mas a AP realmente estabeleceu uma tradição de humanismo radical dentro do catolicismo brasileiro que continuou depois de o próprio movimento ter abandonado suas origens católicas.²

Fundada a partir de influências católicas no início da década de 1960, a Ação Popular de fato buscou desvincular-se da Igreja Católica, conforme descreve Socorro Abreu, ex-militante da AP:

¹ SEMERARO, Giovanni. **A Primavera dos anos 60: a geração de Betinho**. São Paulo: Edições Loyola. 1994. p. 59. Ver também: LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2000. p. 139. MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2004. p. 85-87

² MAINWARING, Scott. Op. Cit. p. 87.

A Ação Popular, organização, fundada em junho de 1962, congregando principalmente jovens vindos da JUC, buscava uma atuação mais livre de vinculações com a Igreja e mais comprometida com a transformação da sociedade brasileira. Fez uma opção pelo socialismo, porém, num primeiro momento, manteve-se fora da tradição marxista, baseando-se na visão humanista de pensadores católicos como Mounier, Teilhard Chardin, Jacques Maritain, Lebreton.³

Em reportagem no Jornal A Defesa, de 08 de fevereiro de 1964, é publicada uma fala do Cardeal D. Jaime de Barros Câmara considerando inoportuna a entrada de jovens católicos brasileiros no movimento denominado Ação Popular. "Alguns setores da JUC brasileira têm procurado defender nos últimos anos a ideia de uma frente comum com o socialismo, cujo fim último seria a tomada do poder pelos totalitários", e ainda na mesma reportagem descreve o que pensa o episcopado brasileiro sobre o movimento: "esse movimento pela sua orientação naturalista, não representa o pensamento cristão autêntico", e se volta especialmente contra o Assistente Nacional da JUC, D. Cândido Padim, em artigo publicado no Jornal a Defesa com a seguinte manchete: **Reforma Agrária e o Perigo na Ajuda com a Ação Popular**.

Através do referido artigo, D. Jaime se posiciona contra a desapropriação de terras argumentando que a mesma não funcionaria por si só, posto que o fator terra cultivável não está entre as prioridades do camponês, sendo mais necessária a assistência em ferramentas para os trabalhadores. Sobre as invasões ocorridas no Brasil, o mesmo critica o governo, o que chama de complacência das autoridades com as agitações agrárias, associando-as à ideologia socialista crescente no país e conclui, afirmando, ser inoportuna a entrada de jovens católicos na Ação Popular, destacando que a AP servia de elo entre a juventude católica e movimentos totalitários que pregam a revolução marxista.

Contudo, para além do Concílio Vaticano II, não podemos esquecer as contribuições de movimentos anteriores como a Ação Católica de juventude, o Movimento de Educação de Base e a AP, conforme destaca a reportagem citada

³ ARNS apud SEMERARO, Giovanni. **A Primavera dos anos 60**: a geração de Betinho. São Paulo: Edições Loyola. 1994. p. 59. Ver também: LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses**: religião e política na América Latina. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2000. p. 139. MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2004.. p. 47-48. Sobre a Ação Popular, ver também: CIAMBARELLA, Alessandra. Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular. IN: **As Esquerdas no Brasil** v. 3. Revolução e Democracia (1964...). FERREIRA, Jorge e AARÃO REIS, Daniel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007. p. 99. SEMERARO, Giovanni. Op. Cit., p. 59.

(a qual demonstra a relação de jovens católicos com a AP), e aponta Löwy, "a Esquerda Católica⁴ Brasileira da década de 60 foi a verdadeira precursora do cristianismo da libertação".⁵

Somando-se aos movimentos citados, não podemos negligenciar os impactos que o Concílio promoveu no catolicismo, pois "o pontificado de João XXIII (1958-63) e o Concílio Vaticano II (1962-65) legitimaram e sistematizaram essas novas orientações, lançando as bases para uma nova era na história da Igreja"⁶. Especialmente num ambiente político caracterizado por conflitos ideológicos durante a chamada Guerra Fria, tendo sobretudo ratificado mudanças que já vinham ocorrendo, mas dessa vez respaldado pela cúpula católica conforme afirma Mainwaring:

As encíclicas apostólicas progressistas e o Vaticano II incorporaram e legitimaram tendências que já existiam ao invés de criar algo novo. Mas, dentro de uma instituição hierárquica como a Igreja Romana, a legitimação de cima é muito importante.⁷

As orientações vindas de cima contribuíram para os debates realizados nas diferentes sessões, as quais se deram à realização do Concílio II pudessem impactar as estruturas do catolicismo.

As mudanças ou processo de reconstrução que a Igreja sofrera pode ser percebido pelo depoimento entusiasmado de um padre do agreste pernambucano ordenado em 1965 - sob as influências do Concílio: padre Pedro Aguiar⁸, o qual descreveu o Concílio Vaticano II da seguinte maneira:

O Concílio foi uma época de muita graça, de muita coragem, de sinceras buscas na procura de novos jeitos, novas formas de atualizar a força revolucionária do evangelho amotinada no tempo por compromissos espúrios, contraditórios e anti-evangélicos. Foi preciso muito trabalho para se fazer a limpeza da casa (Igreja) com mais de cem anos de amontoado de coisas que impediam um ver mais claro, o rosto da verdadeira Igreja, as primeiras comunidades cristãs.⁹

⁴ Sobre a esquerda católica ver: MAINWARING, Scott. Op. Cit., p. 82.

⁵ LÖWY, Michael. Op. Cit., p. 140.

⁶ Idem, p. 70.

⁷ MAINWARING, Scott. Op. Cit. p. 63.

⁸ Exerceu o sacerdócio em Caruaru-PE na segunda metade da década de 1960 e entre as décadas de 1970 e primeira metade da década de 1990 em Tacaimbó-PE. Ordenou-se em 1965 e foi impactado pelas ideias do Concílio Vaticano II e pelo momento político que o Brasil vivia, tendo contribuído diretamente pela atuação do progressismo católico na região agreste de Pernambuco.

⁹ Entrevista realizada por XXXXXXXX. IN: XXXXXXXXXXXXXXXX (Nota da Equipe Editorial: original do artigo feito pelo autor).

Refletimos a partir da fala de Pedro Aguiar o significado de tal momento para a Igreja e como essas transformações reverberaram no agreste pernambucano. Como membros do catolicismo no agreste de Pernambuco entendiam o Concílio Vaticano II, como refletiam sobre a atuação da Igreja Católica frente às questões de então e especialmente como faziam autocrítica de suas atitudes, tanto sobre as questões internas quanto ao seu compromisso com o mundo externo. Esta última questão foi motivo de debates pelos teólogos progressistas entre a década de 1970 e início da década de 1980, sobretudo entre Leonardo Boff e Gustavo Gutiérrez, que tinham opiniões divergentes sobre algumas transformações no catolicismo. Leonardo Boff foi um duro crítico do poder e da forte hierarquia da Igreja, sendo um dos maiores expoentes em condenar tal estrutura interna, chegando a ser condenado ao silêncio obsequioso em 1985. Assim compara o estilo de poder católico ao do império romano, sua tradição de intolerância e sua recusa em respeitar a liberdade de pensamento, mas conforme afirma Michael Löwy:

A abordagem de Boff está longe de ser compartilhada por todos os teólogos da libertação. Gustavo Gutiérrez, por exemplo, já insistia, em 1971: concentrar-se nos problemas intra-eclésiásticos – como geralmente acontece com certos tipos de protesto no interior da Igreja – é perder a possibilidade muito mais rica de uma verdadeira renovação da Igreja.¹⁰

A defesa de Gutiérrez era de um agir externo, que traria como consequência as mudanças necessárias internamente de maneira mais consistente, conforme afirma dizendo que “é através de um envolvimento ativo com o mundo externo à Igreja, que as mudanças internas terão lugar”.¹¹

Estes diálogos e reflexões ocorreram em detrimento do “novo jeito de ser Igreja”, que o Concílio Vaticano II inaugurou e/ou ratificou a partir de movimentos anteriores ao promover reflexões ad extra/ad intra; foi eclesiológico, mas não apenas preocupado com um olhar interno, da Igreja sobre a Igreja em si, pois trouxe consigo a expressão *aggiornamento*¹², ou seja, a

¹⁰ LÖWY, Michael. Op. Cit. p. 90.

¹¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. **A Força Histórica do Pobres**. p. 261.

¹² “Esta é certamente a ideia mais importante e que mais influência teve. O concílio foi convocado para renovar a Igreja. E foram abordados os assuntos que mais precisavam de renovação. Tantas vezes falou João XXIII em *aggiornamento*. Era preciso colocar em dia a

importância da modernização e abertura da Igreja às questões do momento atual, e ao passo que ela abre suas janelas para novos ares, para ar fresco¹³, leva seus ares para novos ambientes através de sua nova mensagem, ou não tão novas assim como diz José Comblin¹⁴:

Estudei em Lovaina. Quer dizer que o Vaticano II não foi novidade para mim. Era o que tínhamos aprendido quinze anos antes. A novidade foi que a hierarquia começou a dizer o que pensávamos quinze anos antes. Isso nunca tínhamos imaginado. De minha parte, tinha colaborado várias vezes com o cardeal Suenens, que foi o articulador principal do Vaticano II.¹⁵

Conforme afirma Comblin, o Concílio Vaticano II não foi uma novidade para ele, pois o mesmo tivera uma formação progressista, característica do seminário belga de Lovaina, onde não por acaso alguns teólogos da libertação também se formaram como é o caso de Gustavo Gutiérrez; porém tal momento proporcionou um ambiente favorável para a implementação de políticas progressistas, já que se tratara de um direcionamento institucional elaborado pela hierarquia católica. Além do fato de que, quando analisamos os fatores anteriores ao Concílio e que de alguma forma contribuíram para o mesmo, não se pode deixar de mencionar os movimentos que já citamos, dentre eles a Ação Católica, com forte atuação na Bélgica¹⁶.

O fato é que o Concílio Vaticano II rompeu com uma perspectiva tradicional e avarenta inspirada no Concílio de Trento e sua nova postura vinda da hierarquia como já foi analisado, motiva uma nova perspectiva voltada para a linguagem histórico social, abrindo-se ao diálogo com o mundo moderno e

Igreja”. VALENTINI, Demétrio. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo, Paulinas. 2011. p. 31.

¹³ Ao jornalista que lhe perguntou sobre o que esperava do Vaticano II, João XXIII respondeu que não sabia muito bem. Porém, abrindo a janela, acrescentou: “pelo menos ar fresco. ANTON, A. El misterio de la Iglesia, 1986. p. 836. IN: RASCHIETTI, Estevão. *O CONCÍLIO VATICANO II COMO EVENTO UNIVERSAL E MISSIONÁRIO*: Memória histórica e considerações teológicas a 40 anos de sua abertura. p. 09.

¹⁴ Ao jornalista que lhe perguntou sobre o que esperava do Vaticano II, João XXIII respondeu que não sabia muito bem. Porém, abrindo a janela, acrescentou: “pelo menos ar fresco. ANTON, A. El misterio de la Iglesia, 1986. p. 836. IN: RASCHIETTI, Estevão. *O CONCÍLIO VATICANO II COMO EVENTO UNIVERSAL E MISSIONÁRIO*: Memória histórica e considerações teológicas a 40 anos de sua abertura. p. 09.

¹⁵ COMBLIN, J. **Trinta anos de teologia latino-americana**. In: SUSIN, L.C. (Org.) O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina, p. 190.

¹⁶ “A Ação Católica que se iniciou na Bélgica no princípio do século XX, foi um dos grandes movimentos precursores do concílio. Através da Ação Católica a Igreja penetrou nas massas. E, ao chegar o Concílio, o povo se sentiu interessado e o acompanhou, porque eram tratados problemas já sentidos pelos cristãos”. VALENTINI, Demétrio. Opus cit. p. 54.

abrindo-se internamente para correntes inovadoras; conforme explica Severino Vicente sobre este Concílio:

Uma janela aberta, um esforço para alcançar contemporaneidade nos diversos sentidos. Na liturgia, na ação pastoral, na aceitação do diálogo com o diferente, na indicação de uma nova forma de direção da Igreja, diminuindo o poder da Cúria e aumentando os espaços para a ação do episcopado.¹⁷

A abertura da Igreja Católica para o mundo moderno aproximou-a do pensamento social para as questões sociais críticas, para a pobreza, a desigualdade social e econômica, violação dos direitos humanos etc. A Igreja não ficou imune às influências desse processo de abertura à contemporaneidade, que na década de 1960 caracterizava-se sobretudo pela divisão do mundo em áreas de influências capitalistas ou socialistas – perspectiva da guerra fria empreendida pelos E.U.A e a União Soviética.

O Golpe de 1964 segundo e a imprensa pernambucana

De modo geral, a Igreja Católica apoiou os militares no poder, se não oficialmente, mas sua maioria, posto que é perceptível o apoio de segmentos católicos ao golpe e à neutralidade ou inércia de outros. Segundo Kenneth Serbin, "dom Hélder manteve a cordialidade com os líderes militares e no começo absteve-se de criticá-los publicamente"¹⁸. Porém, em mensagem proferida quando da sua posse na arquidiocese de Olinda e Recife, publicada no Diário de Pernambuco em 12 de abril de 1964, com o título: **Mensagem fala da Responsabilidade dos Cristãos Nordestinos: Desenvolvimento**, o recém empossado bispo não parece muito preocupado em deixar boas impressões perante os militares e manda o seu recado:

[...] Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou má fé. Ninguém pretenda

¹⁷ Op. Cit. P. 94.

¹⁸ SERBIN, Kenneth P.. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p. 104.

prender-me a um grupo. Ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades [...].¹⁹

Para Márcio Moreira Alves²⁰, até o início da década 1970 o que a imprensa chamava de conflito Igreja-Estado não era mais do que mal-entendido e para reforçar a relação de aproximação entre a Igreja Católica e o governo militar, acrescenta a ordem de Castelo Branco de que nenhum padre fosse preso sem autorização da Presidência, bem como os créditos de Costa e Silva para a construção da catedral de Brasília, dentre outras obras voltadas para agradar os católicos.

Além das citações acima, que apontam para essa relação de aproximação existente entre a Igreja Católica e os militares, acrescentamos declaração da CNBB poucos meses depois do golpe, afirmando sua posição sobre os últimos acontecimentos do país:

Atendendo à geral e angustiosa expectativa do povo brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do poder, as Forças Armadas acudiram em tempo, e evitaram que se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa terra [...]. Ao rendermos graças a Deus, que atendeu as orações de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos militares que se levantaram em nome dos supremos interesses da nação.²¹

Os argumentos da Igreja para o apoio ao golpe estão relacionados ao período dominado pela guerra fria e à oposição entre capitalismo e socialismo, conforme aponta Löwy:

apesar do impacto da política de abertura trazida por João XXIII, apesar da orientação favorável às reformas sociais de vários bispos brasileiros, em uma conjuntura crítica a Igreja escolheu o campo das forças autoritárias, conservadoras, antidemocráticas em nome de argumentos típicos da Guerra Fria: um pretense 'perigo bolchevique' no Brasil, perfeitamente imaginário.²²

¹⁹ Diário de Pernambuco. Primeiro Caderno - 12 de abril de 1964. Fundação Joaquim Nabuco, cópia micro-filmada.

²⁰ ALVES, Márcio Moreira. Op. Cit. 1979.

²¹ Manifesto da CNBB em 03 de junho de 1964 apoiando o golpe. IN: MAINWARING, op. Cit., p. 102.

²² LÖWY, Michael. **As esquerdas na ditadura militar**: o cristianismo da libertação. IN: FERREIA, Jorge e REIS, Daniel Aarão (org). *Revolução e democracia (1964-...)*. As esquerdas no Brasil - v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 305.

A CNBB, conforme destacamos, apoiou a intervenção militar, que, diga-se de passagem, foi arbitrária e ilegal²³. O apoio da Igreja católica manifestara-se pelas famosas Marchas da Família com Deus pela Liberdade:

Na grande divisão ocorrida no país em março de 1964, a maior parte da hierarquia da Igreja pendera para o levante. Dera-lhe a base popular da Marcha da Família. D. João Resende Costa, arcebispo de Belo Horizonte, abençoara sob sigilo a rebelião do governador Magalhães Pinto. D. Jaime Câmara, cardeal do Rio de Janeiro, fora ao ar no dia 31 de março atribuindo à Virgem Maria, ao venerável Anchieta e aos quarenta mártires do Brasil a religiosidade e o patriotismo com que se organizava a Marcha da Vitória.²⁴

Sendo assim, para além das questões mais amplas ou globais, buscamos compreender a partir da redução de escala como se deu o posicionamento da Igreja Católica no agreste pernambucano em relação ao golpe de 1964, especialmente através das publicações dos Jornais: A Defesa e Vanguarda, ambos de Caruaru-PE.

Percebemos que a mesma situação que ocorreu com a Igreja Católica em relação ao golpe de 1964 no Brasil, reproduziu-se de maneira semelhante no agreste pernambucano, especialmente quando da notícia publicada no Jornal A Defesa, em abril de 1964, com a seguinte manchete: **Caruaru realizará marcha com Deus pela Liberdade:**

No próximo 1º de maio, dia do Trabalho, o povo desta cidade sem distinção de cor partidária ou credo religioso, fará também a sua triunfal marcha com Deus pela Liberdade, para comemorar a vitória das forças democráticas sobre o comunismo ateu.²⁵

Depois, o mencionado Jornal publicou reportagem sobre a mudança da marcha do dia 1 de maio para o dia 10.

Assim como ocorreu de forma geral o apoio da Igreja Católica ao golpe militar de 1964 nos grandes centros urbanos do país, tais como São Paulo²⁶, Rio

²³ Esse termo inclusive, é utilizado para justificar a atuação da luta armada contra o Estado ilegal, conforme afirma Vladimir Safatle: "toda ação contra um governo ilegal é uma ação legal." IN: TELES, Edson e SAFLATE, Vladimir (orgs.). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 245.

²⁴ TELES, Edson e SAFLATE, Vladimir (orgs.). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010., p. 237.

²⁵ Jornal A Defesa. Caruaru, abril de 1964.

²⁶ "O conservadorismo paulista respondera ao comício do dia 13 com uma Marcha da Família com Deus pela Liberdade em que se reuniram perto de 200 mil pessoas com faixas ameaçadoras ('Tá chegando a hora de Jango ir embora') e divertidas ('vermelho bom, só batom'). IN:

de Janeiro, através das bem comportadas e vestidas²⁷ Marchas da Família com Deus pela Liberdade, assim se processou também na cidade de Caruaru de modo que a partir da mesma acabou envolvendo outras cidades do interior ligadas à Diocese caruaruense. No entanto, verificamos apenas o chamado para a participação da Marcha, o que denota a tentativa de apoio do clero ao Golpe e seu posicionamento contra o comunismo, mas não conseguimos verificar se a mesma de fato se realizou, já que não encontramos nenhum tipo de registro a respeito nos Jornais Vanguarda e A Defesa, nem nos arquivos da Cúria Diocesana.

Acreditamos ser impossível que a marcha tenha acontecido e não houvesse publicações posteriores nos jornais caruaruenses. Sendo assim, chegamos à conclusão que provavelmente a Igreja não conseguiu arregimentar um número necessário de pessoas, fato que caracteriza a não mobilização civil para o evento em favor do golpe. Tendo em vista o posicionamento da Diocese de Caruaru sobre essas questões que movimentavam o país, sempre se colocando favorável ao Golpe, pensamos que se a referida Marcha tivesse ocorrido, de certo teria lugar de destaque no Jornal A Defesa, já que as notícias favoráveis ao Estado e à Igreja Católica de maioria conservadora tinham lugar de destaque por várias semanas e ao contrário se dava pouca ênfase.

No Recife, a marcha foi anunciada pelo Diário de Pernambuco em 9 de abril com a seguinte manchete: **Será hoje: Marcha da Família com Deus pela Liberdade**, da qual transcrevemos parte da reportagem abaixo:

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que será realizada, hoje, no Recife, terá início às 15 horas na Avenida Conde da Boa Vista, em frente ao Colégio Padre Félix. [...] Cinco oradores falarão na praça. Inicialmente o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, seguindo-se o pastor protestante Josebias Marinho, o operário Manuel Almeida, o capelão João Barbalho Uchoa Cavalcanti e finalizando a concentração, o general Joaquim Alves Bastos, que falará em nome das Forças Armadas.²⁸

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002. p. 48-49.

²⁷ Termo utilizado por Marcos de Castro ironicamente para destacar a presença da elite em tais marchas e ausência do favelado, no operário, numa clara intenção de descrevê-la como um movimento conservador e elitista. Op. Cit. p. 80.

²⁸ Diário de Pernambuco: Primeiro Caderno. Quinta-Feira, 09 de abril de 1964. Cópia micro-filmada. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ.

O Jornal A Defesa, no dia 11 de abril fez sua referência sobre a Marcha ocorrida no Recife com o título: **Duzentas mil pessoas na Marcha pela Liberdade**, e além de enfatizar o número de pessoas, descreveu a participação de grupos de São Paulo, estado organizador da primeira marcha, destacou a ausência do General Alves Bastos, que foi representado pelo General Altair Franco Ferreira e publicou os nomes dos oradores presentes, dentre os quais Gilberto Freyre, conforme descrevemos no trecho abaixo:

O sociólogo Gilberto Freyre após externar sua satisfação pela vitória do movimento democrático e dizer que agora era o momento para as reformas democráticas cristãs, pediu punição para os que prosperavam na desonestidade.²⁹

Além do mais, em Caruaru podemos perceber a receptividade do golpe com as notícias frequentes nos jornais como ocorreu no Brasil no sentido de justificar tal acontecimento com o intuito de torná-lo legal, concedendo aos militares honrarias e homenagens, sendo estes "transformados, de repente, pela propaganda massiva, em 'salvadores da Pátria e heróis nacionais'. Merecedores de gratidão e de homenagem, 'por terem livrado o País do comunismo ateu'³⁰.

O Jornal Vanguarda, por exemplo, em 10 de maio de 1964, publicou a reportagem **As Gloriosas Forças Armadas**:

[...] Mais uma página brilhante, de devotamento e acendrado amor à pátria, escreveram as nossas Forças Armadas, cujo feito, impressionou vivamente não aos brasileiros legítimos como a opinião pública internacional. A mais fantástica, a maior de todas as reações no mundo inteiro, contra o comunismo, foi realizada de maneira surpreendente pelas forças armadas do Brasil, no histórico dia 1 de abril de 1964 [...] Salve portanto as forças armadas do Brasil! Salve a vitória do 1 de abril!³¹

Além de nos fazer perceber a sintonia de parte da sociedade caruaruense com o Brasil que apoiou o golpe de 1964, através de matérias como essas publicadas pelo Jornal Vanguarda, podemos verificar além do entusiasmo

²⁹ Jornal A Defesa. Caruaru, 11 de abril de 1964. Fonte: Núcleo de Pesquisa da FAFICA.

³⁰ COELHO, Fernando. **Direita, volver**: o golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Bagaço. 2004, p. 43.

³¹ Jornal Vanguarda - Ano XXXIII. Caruaru, em 10 de maio de 1964. Reportagem escrita por Tavares de Lima. O Jornal Vanguarda pertenceu inicialmente a empresários locais. Seu primeiro dono foi José Carlos Florêncio (entre 1932 e 1940) e sua primeira publicação foi em 1º de maio de 1932. O segundo dono foi Gilvan José da Silva entre 1964 e 1985, o mesmo já trabalhava no Jornal e o arrendou após a morte de José Carlos. Atualmente e desde 1985 o Jornal pertence ao grupo Lyra.

com o qual o golpe foi recebido no agreste pernambucano - como também ocorria nacionalmente, destacar o apoio de empresários detentores dos meios de comunicação de massa ao promover uma versão positiva sobre a arbitrariedade e ilegalidade do golpe militar de 1964, pois conforme citamos acima, a intenção era promover golpistas que expulsaram do poder um legítimo representante da democracia brasileira (já que João Goulart, eleito vive-presidente do país, era o sucessor legal do renunciante Jânio Quadros), em heróis da nação.

Não demorou muito e outras marcas do golpe já se faziam presentes em Caruaru através do que anunciou o Jornal A Defesa em menos de uma semana, em reportagem de 04 de abril de 1964, da qual, apresenta-se em sua primeira página, quatro notícias que nos remetem às relações entre Igreja-golpe-política. Por estar centralizada e em mais destaque, observamos primeiro: **Libertação do Brasil**, que apresenta texto descrevendo o clima de agitação que tomou conta do Brasil e de Pernambuco por ter, segundo a reportagem, um "Governador conivente com as reformas" e enaltece as Forças Armadas por ter impedido o Brasil de se transformar em satélite mais importante do que Cuba para os interesses do imperialismo soviético. Na coluna à esquerda: **Prefeito Visita novo Governador** - com fotografia do prefeito de Caruaru, Drayton Nejaim, a notícia descreve a presença do mesmo na cidade do Recife para cumprimentar o novo Governador de Pernambuco, Paulo Guerra, vice do destituído Miguel Arraes. A reportagem ainda acrescenta o compromisso do Governador em ajudar o prefeito caruaruense em sua administração e agradece o convite feito pelo mesmo para visitar a cidade. A Rádio Cultura do Nordeste transmitiu entrevista entre ambos. Daí podemos concluir a inteira relação de conivência e concordância do prefeito caruaruense com o golpe de 1964, tendo em vista que o mesmo foi para o beija-mão de um Governador que só tomou posse em consequência da destituição de Arraes pelos militares.

Na reportagem: **Tropas do Exército garantem a ordem em Caruaru**, destaca-se as primeiras ações feitas pelo Exército na cidade de Caruaru, com o intuito de se precaver contra qualquer tipo de reação na capital do agreste. A mesma informa o aumento do contingente militar na cidade por ordem do Comandante do IV Exército, sediado no Recife, General Justino Alves Bastos, e ainda acrescenta que reina a paz em tal região apesar do momento

agitado que tomava conta do país, destacando sobretudo que "soldados armados cercavam residências de elementos suspeitos comunistas, efetuando diversas prisões e levando material de propaganda vermelha". Aqui percebemos bem que, mesmo tentando passar um clima de calma, podemos atentar para aspectos da repressão que houve na região, na qual se prendiam arbitrariamente meros suspeitos de "subversão". Dona Leonor Pinto, militante comunista, destaca o apoio dado pelo padre Pedro Aguiar aos perseguidos em momentos de repressão na região agreste pernambucana:

Pedro salvou muita gente. Às vezes as pessoas precisavam sair, desaparecer porque as coisas estavam muito sérias e ele sempre deu apoio sempre ajudou. Quando a gente precisava de dinheiro para tirar um companheiro que precisava sair, sempre pudemos contar com ele. E se arriscava muito escondendo as pessoas nas cisternas.³²

Outro ponto que nos chamou a atenção nessa reportagem de capa do Jornal A Defesa de 04 de abril de 1964, foi a publicidade que girou em torno da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, quando publicaram anúncio convidando "mulheres de Pernambuco, das cidades, das vilas, dos campos, de todos os credos e de todas as camadas sociais", a comparecerem à Marcha da Família que aconteceria no Recife.

A partir de então o que se observou na região agreste de Pernambuco, através das publicações nos jornais aqui mencionados, foi uma verdadeira caça às bruxas, ou melhor, aos chamados comunistas. Passou-se a reproduzir constantemente matérias sobre comunistas, desqualificando-os na intenção de construir uma imagem negativa e provocando a ideia do medo, posto que "o medo é um fenômeno muito sério. Às vezes um sujeito bom vira cruel pelo medo. Às vezes um sujeito apático fica dinâmico pelo medo. O medo é uma das coisas mais terríveis que existem na humanidade".³³

Jean Delumeau³⁴, em sua obra *História do medo no ocidente*, apresenta a necessidade de estudo sobre o medo apontando que se o medo humano, filho

³² Entrevista concedida ao autor em Brejo da Madre de Deus, 01 de março de 2009.

³³ GOMES, Ângela Maria de Castro. IN: **História: cultura e sentimento**: outras Histórias do Brasil. MONTENEGRO, Antônio Torres (org). Recife: Editora Universitária da UFPE. Cuiabá: UFMT. 2008. p. 17.

³⁴ COELHO, Fernando. **Direita, volver**: o golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Bagaço. 2004. p. 23.

de nossa imaginação, não é uno mas perpetuamente cambiante, faz-se necessário escrever sua história.

Segundo Delpierre,

Um efeito do medo é a objetivação. Por exemplo, no medo da violência, o homem, ao invés de lançar-se à luta ou fugir dela, satisfaz-se olhando-a de fora. Encontra prazer em escrever, ler, ouvir, contar histórias de batalhas. Assiste com certa paixão às corridas perigosas, às lutas de boxe, às touradas. O instinto combativo deslocou-se para o objeto.³⁵

Dessa forma, destacamos que o medo produzido contra os comunistas gerava um processo de objetivação que neutralizava as pessoas a avaliar com criticidade o contexto político em que essas propagandas anticomunistas eram produzidas, de modo a gerar nas pessoas além do medo, uma falsa ideia sobre os comunistas associando-os a criminosos.

A construção do medo dá-se também através da desqualificação do sujeito, apresentando-o para a sociedade como alguém que não está apto para conviver socialmente em plena harmonia, ou desgastando sua imagem moralmente, associando-os a badernas, roubos, num processo de inversão da atuação positiva desses grupos contra a opressão política cada vez mais presente no Brasil pós-1964.

Para isso, muitos jornais pertencentes a grupos de empresários ou políticos conservadores afinados com o golpe militar, passaram a noticiar cada vez mais notícias com o intuito de desgastar a imagem dos comunistas.

Em Caruaru, o Jornal Vanguarda de 14 de junho de 1964 destaca em letras garrafais: COMUNISTAS PRESOS: orgia com o dinheiro público.

Segundo Walter Benjamin³⁶, no qual analisa os impactos da reprodução técnica das imagens, sobretudo da fotografia e do cinema, e sua aproximação com as pessoas, a contemplação livre das imagens nos jornais não é uma condição livre oferecida ao leitor, pois o leitor tende a seguir um caminho pré-definido para se aproximar das imagens. Na ausência da imagem na reportagem sobre a prisão dos comunistas em Caruaru, percebe-se que o

³⁵ DELPIERRE apud DELUMEAU, Jean. Idem. 2009. p. 41.

³⁶ Idem.

caminho pré-definido está posto na manchete da notícia em conjunto com o texto da reportagem.

A matéria alerta para a grande quantidade de material subversivo apreendido na cidade de Caruaru, oriundo de Sergipe e de grupos ligados à Campanha Nacional de Alfabetização. Também chama a atenção para a grande quantidade de dinheiro gasto por tais pessoas sem apontar nenhuma comprovação, e conclui afirmando que foi encontrada pouca importância em dinheiro de posse dos comunistas, o que comprova que para ser suspeito, preso, humilhado e desqualificado não precisava muita coisa, porém o importante era gerar a imagem negativa sobre os comunistas - como pessoas desonestas, violentas etc. A narrativa do Jornal Vanguarda, assim como ocorria com outros meios de comunicação no Brasil, utilizava-se da estratégia de inventar, fabricar o outro.

Para François Hartog,

se a narrativa se desenvolve justamente entre um narrador e um destinatário implicitamente presente no próprio texto, a questão é então perceber como ela traduz o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói.³⁷

Nesse caso, ficam claras as intenções do Jornal Vanguarda e também o que fazia o Jornal A Defesa no que concerne às suas publicações contra o clero progressista e contra os comunistas. Traduzir o outro como um elemento perigoso.

Aconteceu em todo o país uma verdadeira caça aos comunistas e desrespeito aos mandatos eletivos de deputados ligados a movimentos populares, discordantes das arbitrariedades do regime militar, ou que para a ditadura representam perigo; parlamentares tiveram seus mandatos cassados e assim aconteceu na cidade de Caruaru. Em 11 de abril de 1964, o Jornal A Defesa, publicou em primeira página a cassação de mandatos federais com a manchete, **Câmara Federal cassou mandatos de comunistas** e descreve:

A Câmara Federal concordou com o Comando Revolucionário, em cassar os mandatos de quarenta deputados, e inclusive suplentes. [...] Por Pernambuco Artur Lima Cavalcanti, Francisco Julião, Lamartine

³⁷ DELPIERRE apud DELUMEAU, Jean. Idem. 2009. p. 41. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 228.

Távora, Murilo Costa Rêgo, Pelópidas Silveira, suplente e Barros Barreto [...].³⁸

Na mesma página, a situação local: **Câmara de Caruaru cassou direitos de suplentes**, e destaca:

Em sessão especial ocorrida no último sábado dia 4 do corrente a Câmara de Vereadores desta cidade, por unanimidade de votos, cassou os mandatos de suplentes de vereador dos Srs. Manoel Messias e Professor Rabelo. A medida prende-se aos últimos acontecimentos verificados no Brasil e à semelhança do que tem acontecido em outras assembléias de representantes do povo, quer municipais, estaduais ou federais.³⁹

A própria matéria por si só já explica o que tentamos discutir, quando dos acontecimentos e suas relações local-globais.

Assim como ocorreu em nível nacional, assim se procedeu na região agreste - a dura perseguição aos comunistas e a todos aqueles que de alguma maneira se opuseram ao golpe militar de 1964, dentre eles grupos ligados à ala progressista da Igreja Católica, que se de início em sua grande maioria apoiaram o golpe, a partir de perseguições e assassinatos de católicos, aumento da repressão com o AI-5, torturas, posicionamentos progressistas da CNBB⁴⁰ cada vez mais firmes contra o governo militar, faz-no perceber como insustentáveis essa relação de não agressão que se mantinha entre Igreja Católica - Ditadura Militar, além de que "o caráter cada vez mais democrático e participante da sociedade e da política encorajou a Igreja a se tornar mais democrática também, tanto nas relações internas quanto na orientação política"⁴¹. A voz da Igreja Católica vai mudando de lado e ficando cada vez mais forte.

Assim descreve Löwy sobre a mudança de posicionamento da Igreja Católica, destacando depoimento de Gregório Bezerra em seu livro de memórias:

que, durante uma reunião em uma pequena cidade do nordeste por volta de 1946 (quando o Partido Comunista foi legalizado) ele, foi ameaçado por uma multidão de fanáticos, conduzida pelo padre local, que gritavam: 'Morte ao comunismo! Viva Cristo Rei!' O líder comunista foi obrigado a correr para se salvar e finalmente refugiou-se

³⁸ Jornal A Defesa. Caruaru, em 11 de abril de 1964. Fonte: NUPESQ - FAFICA.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ver MAINWARING, Op. Cit., p. 102.

⁴¹ MAINWARING, Op. Cit., p. 63-64.

na delegacia local, para fugir dessa horda obscurantista. Trinta e cinco anos mais tarde, tivemos um cenário exatamente oposto: durante uma greve dos metalúrgicos em 1980, a polícia avançou contra uma manifestação de sindicalistas de São Bernardo (subúrbio industrial de São Paulo) e esses tiveram que buscar asilo na igreja, que foi aberta pelo bispo local para recebê-los.⁴²

Portanto, podemos destacar que para além do apoio inicial que a Igreja Católica deu ao golpe, é importante mencionar a tomada de posição de membros do clero contra a ditadura militar em seu decorrer, mesmo com a imprensa tentando a todo custo desqualificar tal posicionamento.

Referências Bibliográficas

SEMERARO, Giovanni. **A Primavera dos anos 60**: a geração de Betinho. São Paulo: Edições Loyola. 1994.

LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses**: religião e política na América Latina. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2000.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2004.

FERREIRA, Jorge e AARÃO REIS, Daniel **As Esquerdas no Brasil** v. 3. Revolução e Democracia (1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

SERBIN, Kenneth P.. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

TELES, Edson e SAFLATE, Vladimir (orgs.). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

COELHO, Fernando. **Direita, volver**: o golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Bagaço. 2004.

⁴² BEZERRA, Gregório apud LÖWY, Op. Cit. p. 135-136.